



Representações sociais de adolescentes primíparas sobre "ser mãe"

Primiparous adolescents' social representations of "being mothers"

Representaciones sociales de adolescentes primíparas cuanto al "ser madre".

Adriana Bessler König^I, Adriana Dora da Fonseca^{II}, Vera Lúcia de Oliveira Gomes^{III}

RESUMO

Estudo exploratório descritivo, qualitativo, cujo objetivo foi analisar e comparar as representações sociais de adolescentes primíparas, acerca de "ser mãe", antes e após o nascimento dos bebês. Foram informantes, cinco adolescentes, que realizavam o pré-natal num Posto de Saúde, da periferia do Rio Grande RS, no período de agosto a novembro de 2006. Utilizou-se entrevista semi-estruturada na coleta de dados e análise de conteúdo no tratamento. Apreendeu-se no pré-natal, que todas demonstraram satisfação com a gravidez, orgulho com a barriga e o enxoval. Tinham a representação de mãe ancorada na imagem da mulher bondosa e abnegada, sendo a maternidade algo natural e irrefletidamente maravilhoso. Desconheciam os compromissos advindos da maternidade e limitavam seus sonhos e expectativas aquele momento de vida. Após o nascimento, referiram que a nova realidade foi impactante desencadeando inúmeras modificações em seus projetos de vida. Para tentarem assumir a condição de mãe, para a qual não tinham condições psicológicas nem sociais, cogitaram duas possibilidades, a de procurar um emprego e a de abandonar os estudos, ambas interferindo no processo de adolescer saudável e dificultando o vislumbramento de oportunidades. Acredita-se que, oportunizar o compartilhamento de tais representações com outras adolescentes possa diminuir a vulnerabilidade à gravidez precoce.

Palavras chave: Gravidez na adolescência; Adolescente; Saúde do adolescente; Enfermagem materno-infantil.

ABSTRACT

The present paper is a descriptive, qualitative study carried out to identify, analyze, and compare primipara adolescents' social representation of "being mothers", before and after the childbirth process. The subjects were five students who did their prenatal care in a health service institution on the outskirts of Rio Grande/RS, in the period between August and

November of 2006. The data was collected by means of a semi-structured interview and content analysis in the treatment. It was noticed that all the girls seemed to be satisfied with their pregnancy and were proud of their appearance and to show the baby's trousseau. All of them correlated the social representations of "mothers" with the image of kind, abnegated women. In their opinion, maternity is natural and wonderful, something beautiful and great. They did not consider the commitment entailed by maternity and limited their dreams and expectations to that restricted moment of life. After the babies were born, reported that facing this new reality had a profound impact and unchained numerous changes in their personal expectations. In an attempt to assume the role of mothers, for which they were socially and psychologically unprepared, they came up with two alternatives: finding a job or quitting school, both interfering with the natural process of adolescence and impairing the outlook on opportunities. It is believed that giving the opportunity to the sharing of these representations with other adolescents can decrease the vulnerability to the premature pregnancy.

Key words: Pregnancy in the adolescence; Adolescent; Teen's health; Maternal-infantile nursing.

RESUMEN

Estudio exploratorio descriptivo, cualitativo, realizado con el objetivo de analizar y comparar las representaciones sociales de adolescentes primíparas, acerca del "ser madre", antes y

^I Graduada em Enfermagem pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande FURG. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Enfermagem, Gênero e Sociedade (GEPEGS). E-mail: adriana_konig@yahoo.com.br

^{II} Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem. Professora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Líder do GEPEGS. E-mail: adriana@vetorial.net

^{III} Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular da FURG. Líder do GEPEGS. Rio Grande/RS. E-mail: vlogomes@terra.com.br

después del nacimiento de los bebés. Fueron informantes, cinco adolescentes, que realizaban el prenatal en una Unidad de Salud, de la periferia de Rio Grande RS, en el período de agosto a noviembre de 2006. Se realizó la colecta de datos, por medio de entrevista medio estructurada y el análisis del contenido para el tratamiento. Se aprendió que antes del parto, todas demostraron satisfacción con el embarazo, orgullo con la barriga y con el ajuar del bebé. Que tenían la representación social del "madre" anclada en el imagen de la mujer buena y abnegada. Para ellas la maternidad era algo "natural" y sin reflexión, maravillosa. Desconocían los compromisos relativos a la maternidad y limitaban sus sueños y expectativas a aquel momento de la vida.

Después del nacimiento, refirieron que la nueva realidad fue impactante y desencadenó varias modificaciones en sus proyectos de vida. Intentando asumir la condición de madre, a la cual no tenían condiciones psicológicas ni sociales, mencionaron dos posibilidades, la de buscar un empleo y la de abandonar los estudios, ambas interfiriendo en el proceso del adolecer saludable y dificultando la visión de las oportunidades. Se acredita que, oportunizar el compartimiento de tales representaciones con otras adolescentes, pueda disminuir la vulnerabilidad a la gravidez precoz.

Palabras clave: Embarazo en la adolescencia; Adolescente; Salud del adolescente; Enfermería Materno-Infantil.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde⁽¹⁾ (OMS) define adolescência como o período da vida compreendido entre 10 a 19 anos. Constitui uma fase do desenvolvimento humano, situada entre a infância e a idade adulta, marcada pelas transformações biológicas da puberdade e relacionada à maturidade biopsicosocial. Tais transformações são apresentadas como cruciais na vida dos indivíduos. A adolescência é "um período de novos tipos de amizades, do desabrochar da sexualidade, de interesses mutáveis e consciência insipiente. É um tempo de transição de um espaço na família para um espaço no mundo exterior: um tempo de ansiedade, receio e expectativa, do medo e da excitação em face do desconhecido"⁽²⁾.

A adolescência é descrita como sendo uma etapa de crises. Crise de identidade, relacional, familiar, de auto-estima e de falta de sentido para a vida, entre outras. A referência maior é a de que esse é um estágio atravessado por conflitos, dúvidas, inquietações e mal-estar⁽³⁾. A crise é "algo próprio do sujeito, quando nele se operam intensas transformações"⁽³⁾. Dessa forma, a crise da adolescência é expressiva do crescimento e desenvolvimento que nela ocorrem. Tais processos são marcados por desorganizações físicas, hormonais, psíquicas, emocionais e por conseqüentes reorganizações. A mulher, ao longo de sua vida, passa por três períodos críticos nos quais tais desorganizações se tornam evidentes; são elas a adolescência, a gravidez e o climatério⁽⁴⁾. Assim, a gravidez na

adolescência representa o enfrentamento simultâneo de duas crises. Toda crise nos coloca diante de emergências, superações e desafios. O termo significa "oportunidade e perigo", veiculando idéias de promessas e receios, que são típicos do que é vivido em um estado emergencial de mudança.

Vivenciar situações de perigo não é só um grande desafio, mas pode ser o determinante da condição de adolescente. Isso porque essas situações abrem a possibilidade de descobrir o novo, de testar os próprios limites e de experimentar "emoções inusitadas". O pensamento mágico, quando somado à falta de maturidade do(a) adolescente, à curiosidade de experimentar o novo e à perspectiva do desafio resulta, quase que invariavelmente, em um dano⁽⁵⁾.

Embora estar vulnerável a alguma situação seja próprio do ser humano, só muito recentemente este conceito foi retomado, ajudando a clarear os objetivos e contribuindo na estruturação, realização e avaliação do trabalho junto a adolescentes⁽⁶⁾. Podemos dizer que a vulnerabilidade vem confirmar e de certa forma, institucionalizar a visão de ser humano plural, construído na sua diversidade, que precisa permear nossas ações educativas. Adolescentes contemporâneos vivem suas sexualidades em meio às referências que invadem seu imaginário. Como tal, pressupomos que são continuamente convocados(as) a consumir imagens, mais que a refletir e elaborar.

A percepção de que a atividade sexual é algo liberado e exposto em nosso cotidiano, que saiu da privacidade, da intimidade da casa para a rua, para as telas, para a luz do dia, é algo inquestionável. Desembaraçou-se dos direitos e deveres, dos laços, obrigações e direitos adquiridos. Essa é a sexualidade que vem sendo estimulada, insinuada: o exibicionismo de corpos, o voyeurismo de contemplá-los e o fetichismo de consumi-los. Uma sexualidade vivida no corpo, não na pessoa. Mais desempenho e sensação que sentimento. Mais uso do outro do que partilha. Mais quantidade que qualidade⁽³⁾. Essa é a sexualidade que os(as) adolescentes são estimulados, e muitas vezes até forçados, pela pressão dos pares, a experimentar. "O exercício da sexualidade traz implicações no processo reprodutivo e na saúde bio-psico-social do adolescente podendo, [a iniciação sexual] gerar situações indesejadas como a ocorrência de gravidez, aborto, doenças sexualmente transmissíveis e outras"⁽⁷⁾.

Em relação à possibilidade de engravidar, ao ter uma relação sexual desprotegida, a maioria dos(as) adolescentes, mesmo conhecendo algum método contraceptivo, deixa de utilizá-lo⁽⁸⁾. Para eles(as) descobrir a vida é tarefa muito excitante e isso as(os) torna mais vulneráveis, pois procuram experimentar sua sexualidade de forma descompromissada.

A gravidez na adolescência tem sido identificada como um dos grandes problemas de saúde pública tanto no Brasil, como em outros países. O Censo de 2000 evidencia que em nosso país, 37.282 (0,43%) das adolescentes com idade entre 10 e 14 anos e 8.921.295 (15%) com idade entre 15 e 19 anos tiveram filhas(os)⁽⁹⁾. Para bem retratar a magnitude do problema, associa-se à gravidez na adolescência a elevação do número de intercorrências e óbitos maternos, os elevados índices de prematuridade, mortalidade neonatal e de recém-nascidos de baixo peso⁽⁸⁾.

Na realidade, a gravidez precoce não é um fato novo. Muitas de nossas avós casaram-se e foram mães nesta faixa etária; porém o contexto social era outro. Naquela época, casar, ter filhas(os) e dedicar-se exclusivamente ao lar era o inquestionável destino de toda mulher. O interesse pelo estudo da gravidez na adolescência, teve início após a década de

sessenta, coincidindo "com um contexto histórico de discussões e mudanças nos valores referentes aos conceitos de gênero e sexo"⁽¹⁰⁾. Nos dias de hoje, a primiparidade precoce repercute na vida pessoal, familiar, social e educacional, pois quando uma adolescente engravidada, inúmeras mudanças ocorrem no seu cotidiano; tais mudanças, na maior parte dos casos, alteram sua vida escolar, a distanciam do grupo de convivência e de seus projetos de vida. O problema pode tomar proporções mais desastrosas quando a adolescente não conta com o apoio familiar e social, nesses casos, a procura pelo aborto ilegal é freqüente. "Só no ano de 1998, mais de 50 mil adolescentes foram atendidas em hospitais públicos para curetagem pós-aborto, sendo 3 mil realizadas entre jovens com idade entre 10 e 14 anos"⁽⁸⁾.

Por outro lado, a paternidade não é percebida como geradora de grandes modificações na vida do rapaz, pois as responsabilidades raramente são compartilhadas. No entanto, quando assumida, a paternidade também traz implicações que acarretam alterações na vida presente e futura dos jovens.

Na maioria das vezes, o que implica o descuido com a prevenção é o caráter da novidade e da imprevisibilidade das relações sexuais, associadas à "tesão" incontrolável, aos desejos inconscientes de testar a virilidade ou a capacidade reprodutiva; o atendimento às cobranças do grupo em torno do início da experimentação sexual, assim como a ausência de projetos e perspectiva de vida. Além disso, a gravidez pode ter significados diferentes para um e outro sexo. Enquanto para a moça pode representar maior autonomia pessoal e a possibilidade de "prender" o namorado ao seu lado, para o rapaz pode representar a confirmação de sua virilidade.

O tema "gravidez na adolescência" é bastante explorado do ponto de vista quantitativo. Inúmeros estudos referem que essa situação, geralmente não é planejada. Menos freqüentes, os estudos qualitativos da maternidade na adolescência sugerem que seu significado pode não ser único ou definitivo e que, para a adolescente, tem aspectos tanto positivos quanto negativos⁽¹⁰⁻¹¹⁾. No que se refere a adolescentes com risco social e pessoal,

a maternidade pode ser percebida como uma forma de ascensão, como se fosse um passaporte para a vida adulta, ou ainda um reforço para ser alguém na vida⁽¹⁰⁾.

Ampla é a bibliografia referente à gravidez na adolescência. Muitos são os trabalhos direcionados à prevenção da gestação precoce, no entanto ela continua ocorrendo, e com índices crescentes. Aparentemente, grande parte das adolescentes grávidas mostra-se satisfeita com a gravidez e, quando nascem seus bebês, por falta de experiência e conhecimento não conseguem cuidá-los de forma adequada, parecendo não terem consciência das responsabilidades advindas da maternidade.

Tais observações nos levam a pressupor que, para as adolescentes, a gravidez apenas represente a comprovação de sua fertilidade e liberdade para tomar decisões, ou seja, que estão se tornando adultas. Pressupomos, ainda, que após o nascimento, ao tomarem contato direto e contínuo com a criança, a percepção se modifique. Por isso nos propusemos realizar essa investigação com o objetivo de analisar e comparar as representações sociais de adolescentes primíparas acerca de "ser mãe", antes e após o nascimento de seus bebês. Com os resultados pretendemos subsidiar projetos de orientação sexual em escolas públicas de ensino fundamental e médio, na cidade do Rio Grande/RS.

RECURSOS METODOLÓGICOS

A Teoria das Representações Sociais, atualmente, tem fundamentado inúmeras pesquisas no Campo da Enfermagem. As Representações Sociais constituem um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso das comunicações, podendo ser consideradas a versão contemporânea do senso comum⁽¹²⁾.

Consolidada por Serge Moscovici⁽¹³⁾ a Teoria das Representações Sociais procura trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade, partindo da premissa de que o senso comum e o conhecimento científico são complementares e, portanto, eficazes e indispensáveis para a vida humana.

As "Representações Sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social"⁽¹⁴⁾. Assim, constitui-se num modo de interpretar e de pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento social compartilhado por um grupo. Essa teoria possibilita articular o pensamento individual com o social, "fazendo uma ligação entre o interno (o pensamento do adolescente) e o externo (que concretiza os fenômenos sociais)"⁽⁷⁾.

Realizamos um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa, pois essa modalidade de estudo possibilita ao(a) pesquisador(a) trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, permitindo que se envolva diretamente na situação, para assim observar os agentes no seu cotidiano, convivendo e interagindo socialmente com eles⁽¹⁵⁾.

Foram informantes cinco adolescentes primíparas que estavam realizando o pré-natal em uma Unidade Básica de Saúde, localizada na periferia da Cidade do Rio Grande/RS.

Os dados foram coletados em dois momentos distintos: no primeiro, realizado nos meses de agosto e setembro de 2006, na Unidade Básica de Saúde, durante o período pré-natal, o intuito foi apreender as expectativas das adolescentes acerca de "ser mãe". No segundo, realizado em outubro e novembro, no domicílio das informantes, cerca de dois meses após o nascimento dos bebês, o propósito foi apreender a representação das adolescentes acerca da maternidade tendo-a vivenciado concretamente.

Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada, com roteiro aprovado por duas especialistas e testado com uma gestante. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram complementados com anotações em diário de campo, as quais enfocaram a percepção da pesquisadora sobre o contexto e as expressões das adolescentes.

A análise de conteúdo⁽¹⁵⁾ foi a técnica escolhida para o tratamento dos dados. O método foi operacionalizado por meio das

etapas de ordenação dos dados, classificação dos dados e análise final.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Federal do Rio Grande sob o parecer nº23116.002957/5-10. Os esclarecimentos que antecederam a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram efetuados pela própria pesquisadora em contato com adolescentes e seus responsáveis legais, quando menores de 18 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados deste estudo foram apresentados e discutidos em duas etapas. Na primeira, procuramos caracterizar as informantes quanto à idade, escolaridade, paridade, domicílio, grau de relação com o parceiro e preparo para a maternidade. Na segunda, procuramos articular os dados obtidos tanto no período pré-natal, quanto no pós-natal, à Teoria das Representações Sociais e aos autores e autoras que fundamentaram a revisão de literatura. Assim, comparamos as representações das adolescentes acerca de ser mãe no período gestacional com as do período posterior ao nascimento dos bebês.

No que se refere à idade e grau de escolaridade uma adolescente tinha 14 anos, uma 15 anos e uma 17 anos, essas com o ensino fundamental completo, as outras duas tinham 18 anos, uma delas cursava o ensino médio e outra concluíra o ensino médio. Embora, na literatura, haja associação entre "o início da vida sexual e o menor nível de escolarização dos adolescentes"⁽⁷⁾, as informantes desse estudo apresentavam uma escolaridade compatível com sua idade cronológica. Todas eram primíparas e domiciliadas na periferia da cidade, apenas uma mantinha relacionamento estável, residindo com o cônjuge; as demais residiam com a mãe ou irmãs. Apenas uma freqüentou curso pré-natal. As mães de duas das informantes também estavam grávidas.

Antes do parto, todas as adolescentes, demonstraram satisfação com a gravidez, orgulho em mostrar o enxoval do bebê e sempre que possível estavam com as mãos carinhosamente apoiadas na barriga. Tinham a representação social de "ser mãe" ancorada na

imagem da mulher bondosa e abnegada. Nesse sentido, quando a mulher "vivencia o processo de gravidez, ela se identifica com uma pressuposta mãe, o quê posteriormente como representação será interiorizado e objetivado socialmente"⁽¹⁰⁾. Dessa forma, para elas a maternidade é "natural" e irrefletidamente algo maravilhoso, ótimo e bonito. No entanto, apresentaram dificuldade para objetivar suas representações, expressando-as de forma vaga e descontextualizada, parecendo não terem refletido sobre o assunto.

Bom, pra mim..., eu acho que nesse momento..., assim..., ta sendo, eu adorei..., por causa que eu não sabia né..., o que era ser, então para mim ta sendo assim...,ta sendo ótimo. Uma coisa assim..., que eu não sabia o que que era. Então para mim ta sendo maravilhoso (Adolescente 1).

Ser mãe..., é uma coisa muito bonita, né? Mas é difícil. Não é fácil ser mãe, pelo... ah, eu não sei? Ah! Eu não sei... [...] É bonito porque a gente vai participar da vida do filho e porque a gente vai aprendendo também, né? (Adolescente 4).

Uma das adolescentes referiu não ter idéia do significado do de "ser mãe", sendo até provável que nunca tenha se questionado com relação à maternidade.

Ah! Eu não sei o que significa ser mãe (Adolescente 3).

Outra adolescente demonstra uma vaga noção, de que a maternidade implica em responsabilidade, expressando-se nos seguintes termos.

Pra mim significa responsabilidade... Muita, e... É uma coisa que eu acho que pra mim vai ser bom... (Adolescente 2).

Dessa forma, foi possível apreender que para as adolescentes, a representação social de "Ser mãe" assemelha-se muito ao conceito de maternidade presente na sociedade, ou seja, tem algo de maravilhoso, bondoso, divino, mesclado com responsabilidade e sacrifício.

Em consonância com esses achados, inúmeros estudos revelam que na percepção de grande parte de adolescentes a gravidez e a maternidade não têm conotação negativa e problemática⁽¹⁰⁾. Por outro lado, há pesquisas revelando que "dentre os medos apresentados [...] pelas adolescentes, a possibilidade de

gravidez foi considerada o pior deles"⁽⁷⁾. Essa diversidade de opiniões justifica-se, pois a representação social é processual, funcional, social e construtiva, devendo ser compreendida dentro do cenário das interrelações sociais⁽¹⁶⁾. Portanto, acreditamos que a dualidade de enfrentamento da gravidez na adolescência, decorra do grau de maturidade de cada adolescente, associado à condição familiar e social.

Ao serem questionadas acerca do significado de "ser mãe", na segunda etapa do estudo, ou seja, após o nascimento dos bebês, as adolescentes mantiveram a representação de algo muito bom, que faz parte do senso comum, porém complementaram a idéia abordando aspectos referentes às responsabilidades advindas da maternidade as quais, até então eram desconhecidas.

Ah! É muita responsabilidade. Oh!..., ta louco! O que que eu falo?... Ah!...Eu não tenho mais tempo pra mim!...É só pra ela. É... bah!...As vezes eu passo o dia sem me pentear, só tenho tempo pra ela. Mas..., dorme toda a noite. É uma experiência boa, mas ocupa um bocado do tempo da gente (Adolescente 4).

Tá sendo ótimo, pra mim mudou muita coisa. Ah! Mudou..., pra mi... Ah!...É uma coisa muito boa, ele é a melhor coisa da minha vida. Ah!...É uma alegria e tanto... Agora é que eu to vendo mesmo o que é ser mãe realmente. É difícil, mas... (Adolescente 1).

Possivelmente, o ser humano, seja o único ser vivo capaz de estar pronto para a reprodução sem estar preparado para a maternidade, do que se apreende que adolescentes podem estar anatômica e fisiologicamente aptas a se reproduzir sem ter as condições psicológicas, econômicas e sociais indispensáveis à criação das crianças⁽¹⁷⁾.

Nesse sentido, é útil ressaltar que além de sentir-se rodeada de afeição, a criança precisa de um potencial de cuidados e providências a serem tomadas: o sono tranquilo, a alimentação, a higiene e outros. Reconhecer e saber interpretar corretamente os sinais que o recém-nascido emite é imprescindível para a sua saúde e o seu bem-estar⁽¹⁸⁾.

Questionadas acerca do próprio preparo para prestar cuidados ao bebê, as respostas dadas pelas adolescentes evidenciam o

interesse de algumas em aprender enquanto outras, não procuravam habilitar-se para a prestação de cuidados.

Sinto..., me sinto. Até fiz o curso de gestantes, assim, lá no hospital mesmo, eu fiz e me sinto bem preparada (Adolescente 2).

Mais ou menos, né? Vendo assim, a mãe da gente, criar a gente, vê que não é fácil. Mas de um jeito ou de outro vai ter que ser criada, né? (Adolescente 4).

Houve ainda uma adolescente que respondeu enfaticamente:

Por enquanto não... (Adolescente 5).

Outra, além de não estar se sentindo preparada para prestar os cuidados comenta sobre as perdas advindas da maternidade precoce.

Preparada eu não me sinto ainda. Porque eu vou perder toda a minha juventude. Mas que que eu vou fazer, né? Agora já está feito (Adolescente 3).

Inquiridas, no pré-natal, acerca dos compromissos com a maternidade, a maior parte das adolescentes explicitou seu desconhecimento em relação às necessidades de um(a) recém-nascido(a) ao referir de forma ampla:

Todos os compromissos, né? Ah!...Eu não sei que tipo de compromisso.... Cuidar..., dar educação... (Adolescente 3).

Ah! Todos.... Cuidado maior que todos que tem como mãe. Ah! Todo compromisso com ela, né...? (Adolescente 4).

Respondendo à mesma pergunta após o nascimento do bebê, as adolescentes conseguiram dar exemplos concretos acerca do cuidado de seus recém-nascidos, ou seja, ancoraram suas representações nas vivências de sua própria maternidade. Elas demonstram que o contato com a nova realidade foi impactante, pois não possuíam compromisso algum e agora precisaram assumir "todos".

Como assim..., eu não tinha! Agora eu tenho compromisso com ele..., porque não é só eu..., tem ele. [...] Tem que dar leite, tem que mudar, tem que dar banho, tem que fazer muita coisa com ele (Adolescente 1).

Ah! Eu não tinha compromisso de me levantar, de cuidar. Fumava..., não fumo mais. Roia as unhas..., tão até crescendo, Oh!...Não rão mais... Agora até a respiraçãozinha dela eu já

to alerta, já que ela se engasga muito, ela bota leite pelo nariz e pela boca. Tinha o sono pesado, agora ta bem levianinho (Adolescente 4).

Por outro lado uma das adolescentes declara-se surpreendida com o próprio desempenho dizendo:

Eu descobri que não é um bicho de sete cabeças como parecia, que não é nada demais, que é só tu ter paciência e carinho e cuidado que a gente cuida direitinho dele, he...he...he...(Adolescente 2).

Com a maternidade, é atribuída a mulher responsabilidades⁽⁷⁾, das mães é esperado que dêem a seus filhos e filhas qualidade e quantidade de seu tempo, que (as)os ensinem e eduquem de forma a crescerem e a amadurecerem. Isso nos levou a perguntar quanto do tempo das adolescentes havia sobrado para realizarem as atividades costumeiras, anteriores à maternidade. As respostas foram:

Nenhum!...Ha...Ha...Ha...!

Nenhum!...Ha...Ha...Ha...! (Adolescente 1).

Quando eu não to com ele..., eu to passando roupa dele..., lavando roupa dele... Todo tempo com ele. Ai!...Sobra pouco... pouquíssimo... Praticamente não tem tempo nenhum. Quando eu saio, eu levo ele junto... (Adolescente 2).

Pra saí já não é a mesma coisa... Pra... lá sei eu. Pra... saí eu, não carregava nenêzinho, agora eu tenho que carrega... Todinho tempo pra ela... (Adolescente 4).

No que se refere à alimentação, o leite materno foi o alimento citado, no pré-natal, por todas as adolescentes como o preferido para seus bebês, algumas ainda argumentaram dizendo:

Pelo curso que eu fiz, me ensinaram que até os seis meses, no mínimo, tem que ser com o leite materno. Só e mais nada..., para depois, se tu quiser botar outro tipo de alimentação, tem que procurar um pediatra (Adolescente 2).

O doutor já explicou, já disseram na palestra de amamentação, e ele disse que é o melhor amamentar até os seis meses. Eu mesma mamei até os dois anos (Adolescente 3).

Tais verbalizações demonstram que as adolescentes atentaram para as orientações dos profissionais de saúde e reconheceram o leite materno como o alimento mais adequado para o

bebê nos primeiros meses de vida. No entanto, após o nascimento das crianças algumas dificuldades não foram superadas conforme pode ser percebido pela seguinte fala:

Com leite de caixinha. Porque não deu mais, secou o leite. Não deu mais para amamentar (Adolescente 1).

Sabemos que a tranquilidade, a segurança e participação do pai nos cuidados com o recém-nascido facilitam o estabelecimento e manutenção da lactação. Nesse sentido uma adolescente que fez curso pré-natal, tinha companheiro fixo e com ele residia, ao abordar seu novo contexto de vida referiu:

Ah, pra mim significa uma mudança, um crescimento muito grande pra mim na minha vida, porque eu to aprendendo muito com ele e to crescendo muito com ele, tanto eu quanto o meu marido.[...] eu to só amamentando. Por causa que para ele é melhor, né? Pelo menos é o que os pediatras dizem (Adolescente 2).

Podemos associar tais depoimentos com a idéia de que, as representações sociais significam a reprodução de uma percepção anterior à realidade, ou seja, imagens construídas a partir do real. Elas se manifestam em pensamentos, sentimentos e condutas, todavia, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. A linguagem do senso comum, é considerada como principal mediadora das representações, vista como forma, de conhecimento e de interação social⁽¹⁵⁾.

Quanto aos sonhos e expectativas de vida, durante o pré-natal as adolescentes os limitaram ao momento que estavam vivendo e referiram preferências quanto ao sexo do bebê, curiosidade pela "carinha", escolha do nome, entre outras. Nada vislumbravam a médio e longo prazo.

Eu to louca que nasça de uma vez..., Ah!... Muita coisa. Assim..., não vejo a hora de ver a carinha..., o jeitinho ... (Adolescente 1).

Queria que fosse guriuzinha, porque eu ia gostar. Gurizinho eu também ia gostar, só que guriuzinha eu acho que mais. Porque se for guriuzinha eu disse para minha irmã que eu ia botar o nome dela. Tomara que "seje" (Adolescente 5).

Com a concretude da maternidade, houve inevitáveis mudanças na vida das adolescentes. Nesse sentido, referindo-se ao período após o nascimento, uma adolescente verbalizou planos de obter um trabalho dizendo:

Expectativas agora... pra mim eu penso em trabalhar agora para dar tudo pra ele, só isso que eu penso, quero dar tudo pra ele, o melhor possível (Adolescente 2).

Todas as adolescentes eram estudantes, mas somente uma referiu ter vontade de continuar seus estudos, para tanto, dependeria não só do suporte financeiro de sua mãe como também do envolvimento de outros familiares no cuidado de seu filho.

Que eu não vou parar de estudar... Então alguém tem que ficar com ele pra mim... Pra mim ir para o colégio.[...] a minha vó que mora aqui perto e a minha tia (Adolescente 3).

Comparando as representações sociais das adolescentes antes e depois de terem passado pela experiência da maternidade, percebemos que houve uma significativa modificação. Embora não demonstrem arrependimento por terem se tornado mães, houve lamentos pela perda da liberdade, pela dificuldade para a continuidade dos estudos e pela necessidade de procurarem emprego para a manutenção do bebê. Dessa forma, a semelhança de outras pesquisas, compreendemos que o cotidiano dessas adolescentes parece ter ficado centrado no cuidado de seus filhos(as), elas estão conscientes de que são elas as principais responsáveis pelas crianças e procuram direcionar seus projetos de vida para este cuidado. A sensação de imunidade e de poder, características de grande parte dos adolescentes cedeu espaço para o questionamento e reflexão, inclusive acerca de como projetar o próprio futuro e como assumir as novas responsabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, foi possível apreender que as adolescentes, ao engravidarem, têm a representação social somente do lado prazeroso da maternidade, podendo inclusive estar buscando, na gravidez e na maternidade, respeito e um papel social que como meninas, não tinham.

Apreendemos ainda que após o nascimento do bebê ocorreram inúmeras modificações na vida das adolescentes a fim de tentarem assumir o papel de mãe, para o qual não tinham condições psicológicas nem sociais. Abandonar os estudos e procurar um emprego são conseqüências da maternidade precoce, as quais interferirão em seus projetos de vida.

Tomamos conhecimento também, que as adolescentes sabem que ainda têm muito que aprender, que seus filhos(as) apesar de necessitarem de vários cuidados, são muito importantes para elas e que pretendem dar o melhor possível para suas crianças.

Acreditamos que criar grupos de adolescentes e com elas(es) problematizar as representações sociais relativas à expectativa da maternidade, as quais vêm acompanhadas de sonhos e esperança comparando-as com a maternidade como fato consumado, situação que requer o cuidado integral do bebê, bem como propiciar depoimentos de adolescentes mães, abordando as modificações que a maternidade ocasionou em suas vidas, possa sensibilizá-las para adoção de atitudes mais sensatas e conscientes.

Acreditamos também ser indispensável que as(os) profissionais de saúde e educação se capacitem e criem espaços acolhedores e harmoniosos, que possibilitem a reflexão e discussão de temas referentes a sexo seguro, maternidade, paternidade, autocuidado, relacionamentos afetivos, projetos de vida e questões de gênero, além de incitarem a verbalização das reais dúvidas das(os) jovens. Talvez este seja um caminho para construir conhecimento, cidadania e mudança social.

REFERÊNCIAS

1. Chaves Júnior EO. Políticas de juventude: evolução histórica e definição. In: Schor N, Mota MSFT, Castelo Branco V, organizadores. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde; 1999. p. 41-8.
2. Tommasi MCF. Desenvolvimento emocional e cognitivo do adolescente. In: Assumpção Jr, Francisco B; Kuczynski, E. Adolescência: normal e patológica. São Paulo: Lemos Editorial; 1998. p. 33-47.

3. Caridade A. Adolescência e sexualidade. In: Schor N, Mota MSFT, Castelo Branco V, organizadores. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde; 1999. p. 206-12.
4. Heilborn ML. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR, organizadores. O aprendizado da sexualidade. Rio de Janeiro: Geramond e Fiocruz; 2006. p. 29-57.
5. Domingues CMAS. Identidade e sexualidade no discurso adolescente [dissertação]. [São Paulo]: Faculdade de Saúde Pública/USP; 1997.
6. Ayres JRC. Vulnerabilidade e Avaliação de Ações Preventivas. São Paulo: Eletrônica Casa de Edição; 1996.
7. Amaral MA, Fonseca RMGS. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2006;40(4):469-76.
8. ECOS – Comunicação em Sexualidade. Considerações iniciais. In: ECOS – Comunicação em Sexualidade. Gravidez na Adolescência: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. São Paulo (Brasil): Racy; 2004.
9. Ponte Junior GM, Ximenes Neto FRG. Gravidez na adolescência no município de Santana do Acaraú-Ceará-Brasil: uma análise de causas e riscos. Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]. 2004 [cited 2008 jan 20];6(1):25-37. Available from: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_1/f3_gravidez.html
10. Gontijo DT, Medeiros M. Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações. Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]. 2004 [cited 2008 jan 20];6(3):394-399. Available from: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_3/12_Revisionao2.html
11. Santos SR, Schor N. Vivências da maternidade na adolescência precoce. Revista de Saúde Pública [Internet]. 2003 [cited 2008 fev 01];37(1):15-23. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n1/13540.pdf>
11. Spink MJ. O conhecimento do cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense; 1993.
12. Moscovici S. A Representação Social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.
13. Jodelet D. [Loucuras e representações sociais]. Paris: PUF; 1989. Francês
15. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10ª edição. São Paulo: Hucitec; 2007.
16. Teixeira MCTV. Representações sociais sobre a saúde-doença na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde [dissertação]. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina; 1999. 243 p.
17. Folle E, Geib LTC. Representações sociais das primíparas adolescentes sobre o cuidado materno ao recém-nascido. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2006;12(2):183-90.
18. Trindade RFC. Entre o sonho e a realidade: a maternidade na adolescência sob a ótica de um grupo de mulheres da periferia da cidade de Maceió-AL. Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]. 2007 [cited 2008 fev 27];9(1):277-278. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1/v9n1a23.htm>.

Artigo recebido em 15.03.07

Aprovado para publicação em 30.06.08